



Análise Crítica do Filme “O Extraordinário” sob a Luz da Psicologia Sócio-Histórica

Angélica Cabral Oliveira Alves¹, Jaíne Daise Alves dos Santos², Gilson Gomes Coelho³

Resumo: O presente artigo tem como objetivo demonstrar através da análise do filme “O Extraordinário” como a abordagem da Psicologia Clínica Sócio-Histórica poderá atuar e trabalhar com as demandas da personagem “Olívia Pullman” no filme. O artigo possui metodologia explicativa. Foram encontrados processos sociais e históricos que influenciam como marcadores e fatores determinantes nas relações observadas. Portanto o lugar que o terapeuta ocupa na clínica sócio-histórica torna-se indispensável para trabalhar as situações cotidianas apresentadas, sendo que ele promoverá possibilidades que auxiliarão nas resoluções de conflitos e de sofrimentos. A clínica sócio-histórica possibilita mobilizar e impactar a vida do cliente, com mudanças significativas no jeito de enfrentar e lidar com as adversidades e com gerenciamento de sentimentos comuns diante de uma situação de conflito, angústia entre outras, no processo de escuta e cuidado em todas as suas dimensões de afetações.

Palavras-chave: Psicologia Sócio-histórica. O Extraordinário. Clínica sócio-histórica.

Critical Analysis of the Film “The Extraordinary” under the Light of Socio-Historical Psychology

Abstract: This article aims to demonstrate through the analysis of the film “O Extraordinário” how the Socio-Historical Clinical Psychology approach can act and work with the demands of the character “Olivia Pullman” in the film. The article has an explanatory methodology. Social and historical processes that influence as markers and determining factors in the observed relationships had been found. Therefore, the place that the therapist occupies in the socio-historical clinic becomes indispensable to work with the daily situations presented, being that he will promote possibilities that will help in the resolution of conflicts and suffering. The socio-historical clinic makes it possible to mobilize and impact the client's life, with significant changes in the way of facing and dealing with adversities and with managing common feelings in the face of a conflict situation, anguish, among others, in the process of listening and caring in all its dimensions of affectations.

Keywords: Socio-Historical Psychology. The Extraordinary. Socio-Historical Clinic.

¹ Acadêmica de Psicologia na Faculdade Católica Dom Orione, Araguaína, Tocantins, Brasil. angelicacabralalves@catolicaorione.edu.br / angelica.cabral1983@gmail.com;

² Acadêmica de Psicologia na Faculdade Católica Dom Orione, Araguaína, Tocantins, Brasil. jainedaisesantos@catolicaorione.edu.br / jainedaise5@gmail.com;

³ Doutorando em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista, campus de Assis, Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá, Professor na Faculdade Católica Dom Orione, Araguaína, Tocantins, Brasil. gilson@catolicaorione.edu.br.

Introdução

O presente artigo foi realizado com base na análise do filme “O Extraordinário” com o objetivo de compreender como se dá os processos de entendimento e levantamento de intervenção, ajuda e compreensão da abordagem Sócio-Histórica no âmbito da clínica individual nas resoluções de problemas e conflitos nas relações. Analisando especificamente uma de seus personagens. A análise partiu por meio da observação e escuta ativa, trazidas e utilizadas pelos personagens do filme, com ênfase nos processos individuais marcados e observados em Olívia, para com isso demonstrar como na clínica sócio-histórica são trabalhados os cuidados e como os eventos vivenciados e observados no filme poderiam ser conduzidos dentro do processo clínico terapêutico.

A psicologia sócio-histórica foi criada no berço da pós revolução socialista na Rússia em 1917, Vygotsky foi um dos principais criadores da abordagem, ao lado de Luria e Leontiev, ele possui forte influência de Karl Marx, construindo uma psicologia inspirada no materialismo-dialético, onde Marx via o homem como um ser constituído pelo social em seu âmbito produtivo, alienação, dinheiro, fetiche, personalidade, consciência, comunicação, entre outras, não limitando o ser humano a apenas ao biológico, isto é, como diz Vygotsky, ambos se apropria dos elementos culturais, pelos quais o homem o constrói e é construído por ele, sendo assim, o social se torna essencial para o desenvolvimento de cada um, acreditando que o ser humano não é dualista (BRAGA, 2010), ou seja, mente e corpo não se separam, são uma unidade (LUCCI, 2006).

Lucci (2006) afirma, também, que o homem é um ser social e histórico, ele é visto como um ser ativo no meio em que está inserido, que modifica a si mesmo e a seu meio, enquanto que o social não se restringe ao que é coletivo, mas se manifesta nas emoções pessoais que cada um produz. As funções mentais são exclusivamente do ser humano, elas se desenvolvem por meio das aprendizagens sociais, culturais e as relações, o que sentimos faz parte de como compreendemos o mundo, portanto somos sujeitos biopsicossocial, que para Vygotsky o indivíduo possui aspectos filogenéticos, ontogenéticos e sócio-cultural (AGUIAR, 2000; LUCCI, 2006), ou seja, o ser humano é complexo, possuindo três áreas principais que o constitui, o aspecto filogenético que é o seu biológico, o físico; o ontogenético é o seu psicológico, a mente, do senso comum a sua alma; e o social cultural é a afirmação de que o indivíduo já nasce incluído em uma cultura, somos seres sociáveis. Trazendo como exemplo

que reforça esse sentido de sermos sociais, a filosofia de vida de uma tribo africana “*ubuntu*”, o que traduz a ideia de que: gente precisa de gente para ser gente.

As formas singulares que as pessoas possuem de agir no mundo, os desejos estarão relacionados às particularidades da existência histórica. O ser humano age por um motivo, somos quem somos com interação ao outro, neste sentido, a inserção social e cultural influencia em todos os processos de escolhas, relações, desejos que o afetam e constituem (LUCCI, 2006). As Funções Psicológicas Superiores (FPS) são mecanismos específicos do ser humano. Vygotski (1991), Vigotskii, Luria e Leontiev (2010), Lucci (2006), Sirgado (2000) e Aguiar (2000), por meio dessa ideia apresentada, dizem que somente o homem tem FPS, e que essas funções são resultadas da interação do biológico (função psicológica elementar) do social com o cultural. Essas funções tornam o homem independente, com comportamentos conscientes e controlados/voluntários, possui transformações qualitativas e dialéticas (desenvolvimento ontogenético), alguns exemplos trazidos por Lucci (2006) são: raciocínio, pensamento, memória voluntária, capacidade de planejamento, linguagem, signo, atividades mentais, simbolismo, aprendizagem social, emoção, solução de problemas, entre outros.

Entretanto, como Lucci (2006) traz, a FPS além de ser sócio cultural, como mencionado anteriormente, possui atividades cerebrais, no sentido de possuir alguns elementos fundamentais dessa atividade, no qual o cérebro é apenas uma das muitas partes que constitui a FPS.

Um dos saltos mais elevados das FPS foi à linguagem, segundo Lucci (2006), esse instrumento psicológico controla o comportamento, a percepção, e cria novos pensamentos e memórias. Outro ponto válido a comentar no qual o autor supracitado apresenta em seu artigo, é a linguagem ser um dos principais mediador que o homem possui para entrar em contato com o social, através dele é que se consegue o sistema simbólico (construção de conhecimento), o signo (AGUIAR, 2000) que é o significado daquilo que está fora de você (de si mesmo).

Ou seja, ao aprofundar um pouco mais sobre esse tema, como dito anteriormente, Vygotsky não negligenciou as bases biológicas, porém compreendia que o cérebro é como um sistema aberto cuja estrutura é moldada ao longo da história, essa concepção se dá partir do conceito de mediação simbólica, que é a sua ideia central do desenvolvimento humano como processo histórico-cultural. São acessos operados pelos sistemas simbólicos que possibilitam a aquisição e construção do conhecimento por meio da interação mediada por vários objetos (BRAGA, 2010). Neste sentido, a mediação adquire uma grande importância como instrumento técnico e sistema de signos para efetivação da intervenção do indivíduo no contexto cultural e

social. A linguagem e os signos são mediadores fundamentais desta efetivação (TULESKI, 2008).

A linguagem nos permite interagir com os objetos externos, analisar os fenômenos vividos e, é nela que conseguimos nos comunicar (VIGOTSKI; LURIA; LEONTIEV, 2010, VYGOTSKI, 1991, LUCCHI, 2006). Todas essas funções permitem-nos viver socialmente, contribui na formação da nossa personalidade, e, assim, aprendemos a passar a cultura adiante. Para Rego (1995) as mudanças comportamentais ocorrem na relação com o meio social e os controles conscientes do comportamento – memorização ativa, pensamento abstrato, capacidade de planejamento, entre outras – de forma que os mecanismos intencionais permitem a cada indivíduo a internalização que decorre da interação dialética entre o homem e seu meio sociocultural.

Sobre a ação do psicólogo nessa abordagem, Oliveira e Alves (2015) nos fala que o psicólogo clínico Sócio-histórico é visto como um mediador do processo de subjetivação do cliente, a subjetividade é fruto da relação constituída historicamente e o psicólogo vai desempenhar um papel de mediador junto aos processos de subjetivação que precisarão ser desenvolvidos e trabalhados. Os métodos que são usados como indicadores de sentido, se desenvolveram e se tornaram norteadores da prática do psicólogo clínico neste contexto. Como os autores supracitados explicitaram em suas obras, o psicólogo não é um espelho do paciente, ele o auxilia e é gerador no desenvolvimento do indivíduo, auxiliando o mesmo a enfrentar seus desafios, comportamento este que não estava conseguindo emitir sozinho. Com a mediação do terapeuta, o paciente consegue pensar, agir, realizar fenômenos desejáveis, isto é, o psicólogo ajuda o sujeito a analisar e compreender a si mesmo, a entender os motivos de suas ações, tendo como consequência a ampliação de sua consciência sobre o mundo e sobre si mesmo, o indivíduo é ativo, livre em suas relações e possui autodomínio.

A zona de desenvolvimento proximal oferece fundamentação a essa práxis, constituindo-se pelos níveis real, potencial e proximal (LIMA; CARVALHO, 2013) caracterizados por ciclos completados, resolução de problemas e sub orientação e processos de amadurecimento, respectivamente. Isto concede uma função de extrema importância para o terapeuta e mediador que atuará na condução dos processos de efetivação das funções psicológicas superiores com instrumentos adequados para proporcionar novos significados.

Como diz Aguiar (2000 *apud* VYGOTSKI, 1993) a psicologia possui a tarefa de compreender o sujeito em sua individualidade/subjetividade, isso inclui a internalização social, histórica, relações vividas e ideologia do paciente. A psicologia deve facilitar a descrição e

explicação FPS, isto é, apreensão do pensamento, linguagem e vontade. “O homem transforma a natureza com sua atividade por meio dos instrumentos e, assim, transforma-se a si próprio” (AGUIAR, 2000, p. 131).

Como justificativa para a elaboração desse artigo, as autoras pretendem por meio da análise do filme com base na teoria se compõe a clínica sócio-histórica acrescentar teoricamente à psicologia, variedades de como a mesma pode agir frente às situações que o filme “O extraordinário” traz. Temos como objetivo, fazer uma análise individual e conjuntural de uma personagem do filme com base teórica e também práticas na perspectiva da Psicologia Clínica Sócio Histórica, por meio de elementos apresentados neste contexto cinematográfico. Quanto a sua relevância científica e social, este trabalho discute, por meio da teoria sócio histórica, relações e determinantes sociais que são objeto de estudo dessa abordagem e que por meio deste reafirma a importância de se compreender e conhecer este campo de atuação e como ele pode contribuir nas questões psicológicas dentro do contexto social, concretizando a psicologia no lugar científico.

Metodologia

O presente artigo possui método descritivo no qual as autoras realizaram a interpretação de análise do filme no viés da teoria e prática da Clínica Individual Sócio-Histórica, avaliando de forma crítica e ética (segundo o Código de Ética Profissional do Psicólogo) o filme “O Extraordinário”, publicado em 2017, é direcionado pelo Stephen Chbosky, no qual foi analisado a personagem Olívia Pullman, irmã mais velha do Aggie Pullman (o protagonista do filme).

Resultados e Discussões: O “Extraordinário” E A Psicologia Sócio-Histórica

Como dito anteriormente, as autoras analisaram a personagem Olívia Pullman, que muitas vezes foi chamada de Vivi ou Via no filme. Olívia é a filha mais velha do casal Isabel e Nate Pullman, é uma menina tímida, esforçada, bastante afetiva, “independente”, responsável. Seu irmão mais novo nasceu com uma doença congênita rara chamada de “síndrome de Treacher Collins” causada pela má formação nos ossos craniofaciais, que por conta disso resultou em diversas adaptações familiares no manejo e aceitação desse irmão socialmente, o

que ocasionou deste a sua infância muitos momentos vividos em salas de espera em hospitais, havia poucas possibilidades quanto a qualidade de tempo com seus pais, sendo que eles dedicavam-se passar mais tempo aos cuidados da necessidade com seu irmão. Aqui pode-se observar as necessidades especiais que demandam manejos de cuidados que envolve todo o grupo familiar e social com adaptações dentro do contexto que estão inseridos, vivência essa que desenvolveu em novos símbolos, signos, aprendizagens características marcantes na vida de sua família⁴, como a forma e manejo de lidar com as necessidades do outro e de suas próprias necessidades (NEVES; DAMIANI, 2006, VIGOTSKI; LURIA; LEONTIEV, 2010).

Por conta dessa relação histórica de aprendizagem familiar/social desenvolveu características de colocar as necessidades dos outros acima das suas próprias, que mesmo sendo um comportamento nobre isso reverbera sofrimento em Olívia. Por conta das necessidades particulares que seu irmão carecia, ela desenvolve um comportamento de proteção e manutenção de suas próprias necessidades, essa ideia sobre si partia do princípio de não ser para os seus pais um motivo a mais de geração de problemas e sofrimento. Como ela sempre teve como mediadores familiar/social, seus pais e familiares, Olívia desenvolve por meio da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) uma aprendizagem equivocada com relação à necessidade ao cuidado com o irmão, suas responsabilidades e a manutenção que ela faz da desvalorização do autocuidado emocional (LIMA; CARVALHO, 2013, VIGOTSKI; LURIA; LEONTIEV, 2010).

É importante ressaltar que na família, a avó desempenha um papel essencial de dá atenção para a Olívia, com a avó ela se sentia vista, amada, valorizada e importante, o que ela fazia dessa avó sua âncora nas relações sociais e afetivo. Após o falecimento da sua avó, Olívia se sentiu sozinha, pois ao mesmo tempo foi um período em que sua amizade com Miranda, uma amiga desde o jardim de infância, ao qual também mantinha um vínculo afetivo importante estava rompido por conta do afastamento repentino de sua amiga. O que ocasionou com que Olívia se percebesse novamente sozinha, sem partilhar dessas angústias com nenhum dos seus familiares pois lhe havia um sentimento de não ser produtora de desconforto e problema para os mesmos. Conforme Oliveira e Alves (2015), ao observar esse fenômeno é perceptível ressaltar a importância de ter uma boa intervenção terapêutica dentro da clínica sócio-histórica e como ela poderia contribuir de maneira significativa nos processos de reorganização e

⁴ A mãe, por meio de seu repertório de vida e aprendizagem familiar, desenvolve um manejo de adaptação e produção de significados próprios e necessários para sua família, com aulas domésticas, laboratório científico em casa, entre outras ferramentas que permitem a composição da subjetividade inerente àquele grupo familiar.

aprendizagem caso essas demandas percebidas fossem trabalhadas no ambiente da clínica. Por meio da entrevista e anamnese o terapeuta percebe e identifica características da visão de mundo do cliente, observando as demandas mais urgentes a serem trabalhadas, mediando os processos de potenciais evolutivas que o sujeito possui, possibilitando-o com que desenvolva habilidades, características ativas nas suas relações sociais e escolhas pessoais gerenciados por meio de novos processos adaptativos (LEAL, 2003).

No mesmo momento que Olívia se via sozinha ela encontra Justin seu futuro namorado, onde no princípio ela não se mostrava aberta para relacionamento, o que ocorreu gradativamente por intermédio da nova experiência que ela teve com as aulas de teatro, conseguindo trabalhar os processos de uma nova relação com o Justin. Tendo aqui o teatro e o Justin como mediadores na ZDP, ressignificando as demandas anunciadas através dos comportamentos de Olívia, transformação essa que fora acontecido por causa do vínculo que a mesma constituiu de seus mediadores que acabamos de citar (SIRGADO, 2000).

Por meio das observações feitas no enredo em que o filme traz, nota-se que na clínica Sócio-Histórica o psicólogo deve observar o contexto vivido pela paciente, entendendo que o ambiente influencia fortemente na ação do sujeito (CRUZ, 2011), o que foi que as escritoras fizeram até o momento, mostrar o contexto de vida da Olívia apresentado no filme é fundamental, como dito anteriormente, para que o psicólogo na análise clínica na perspectiva sócio-histórica, entenda os elementos trazidos nas falas, comportamentos, ações, escolhas e história de vida, que gera conflitos internos e sociais por conta de inúmeros fatores que a paciente está inserida.

No filme pode-se visualizar a forma que Olívia interpreta a vivência com a sua família, “[...] Auggie é o sol, minha mãe e meu pai e eu somos os planetas que orbitam o sol. Mas eu amo o meu irmão e já me acostumei com a maneira que esse universo funciona” (EXTRAORDINÁRIO, 2017). A dinâmica familiar é voltada ao cuidado do Auggie, em principal a mãe, o que traz uma dimensão simbólica de ser o centro que move outros mundos, o único capaz de produzir luz e trazer significado à existência dessa família e como ela se movimenta nas relações entre si e com os outros ambientes sociais aos quais estão inseridos. Os pais e a Olívia são muito cuidadosos com o Auggie e criam em muitos momentos algumas dificuldades de aprendizagem social por conta da super proteção oferecida ao irmão e da supervalorização a habilidades de autogerenciamento ancoradas em Olívia durante o processo de aprendizagem estabelecido em suas relações. Outro aspecto utilizado pela personagem são os usos das metáforas para dar significados simbólicos a sua realidade (LUCCI, 2006), como

menciona Vygotski (1991) uma simples metáfora possibilita uma maneira diferente e um recurso interessante de transmitir e expressar experiências que auxilia nas atividades psicológicas de difícil gestão. Com o uso de metáfora, é possível que o sujeito saia do real (vivenciado) para o imaginário (suportável), trabalhando os conflitos em uma dimensão subjetiva com característica que possibilita desenvolver ferramentas reais de enfrentamento que estão ancoradas nos processos de difícil acesso e aceitação contextual, possibilitando encontrar soluções adequadas e possíveis dentro do processo terapêutico.

Como tentativa de aproximar a linguagem terapêutica à referência trazida por meio das metáforas para expressar os conteúdos da paciente (OLIVEIRA; ALVES, 2015), apropriando-se da ideia simbólica no qual Olívia refere-se a seu núcleo familiar como sendo o irmão o sol e os pais e ela planetas que o orbitam, usaremos aqui o termo cosmovisão para sugerir que essa percepção que Olívia apresenta de sua família lhe coloca em dois lugares aos quais possam ser lugares em que ela se percebe: o primeiro lugar em que sendo o irmão o centro, o sol, a luz ilumina, que mobiliza o funcionamento de sua família e existência, ela acaba por ocupar o lugar comum o lugar de igualdade em responsabilidade e cuidado juntamente com os pais em relação com o irmão e uma boa relação entre todos. O segundo é o lugar comum de ser só um planeta como o outro, em que nesse lugar seus sentimentos e emoções são apagados sempre quando o sol se põe e a noite chega não permitindo com que ela valorize seus próprios processos emocionais e perceba que na escuridão da noite também a vida permanece e gera possibilidades de vida. Onde a presença do sol durante o dia não diminui a grandiosidade e importância que a noite representa na vida de alguém. Tendo o dia sua importância de dia e a noite sua importância de noite, ambas constituindo uma relação harmoniosa tem ocupar o lugar do outro, lembrando que nessa relação dia e noite existe momento em que o crepúsculo e o alvorecer possibilitam a conexão e a passagem em que os dois se unem.

Olívia apesar de suas características cuidadoras e responsável com seus pais e irmão acumula dentro de si angústias e conflitos que mesmo lhe causando muitos sofrimentos prefere por mantê-los em sigilos ou como se não existissem os ignorando para não ser provável causadora de novos conflitos e problemas para seus pais. Fazendo com que muitas vezes ao se deparar com a possibilidade de um acontecimento como esse ocorrer ela já se sinta culpada por querer colocar suas necessidades frente às dos outros como se a dela não tivessem importância. Com isso, mesmo querendo contar com o apoio de seus pais e atenção, principalmente de sua mãe, com relação aos seus conflitos ela as invisibilizam por conta de menosprezar seus sentimentos e necessidades. O que segundo Lucci (2006) essas vivências

podem influenciar e afetar diretamente na personalidade de Olívia, por ser uma função naturalizada a partir de seu processo de construção, e a modificação desse contexto acaba por gerar desconforto o que ocasionaria um rompimento/perda de valores e identidade.

Podemos ver a formação do comportamento adquirido na vivência da Olívia, anteriormente mencionado, na seguinte frase do filme “[...] Eu sei que minha família não suportaria mais um problema” (EXTRAORDINÁRIO, 2017), essa frase foi a própria protagonista analisada que a mencionou, se pode vê presente a culpa e a colocação de seus problemas inferiorizadas e a valorização do problema dos outros em primeiro lugar no seu patamar.

Percebe-se então que esses conflitos latentes reprimidos se manifestam em alguns momentos como sintomas dos conteúdos pré-existentes que ocasionarão respostas sociais a essa angústia. Causando a exposição dessa dor como percebida em sua fala “[...] Você [Auggie] não é o único que possui dias ruins” (EXTRAORDINÁRIO, 2017), na perspectiva da psicologia clínica sócio-histórica Olívia teve contato com alguns conteúdos geradores de sofrimentos psíquicos e ou sociais que há permeia e a possibilitou dizer ao seu irmão sobre sua angústia, mesmo que essa o tenha gerado logo em seguida processos de culpabilidade ao ter tratado-o de maneira ríspida. Conteúdos estes que poderiam ser amenizados e trabalhado dentro do processo clínico terapêutico, gerando condições pelas quais ela capacitaria sua autonomia e lida em sua relação com seu irmão, compreendendo assim melhor os seus papéis.

Uma outra fala significativa que Olívia traz sobre sua relação familiar é: “[...] A minha mãe tem um ótimo olho, eu só queria que pelo menos uma vez ela usasse ele para olhar pra mim” (EXTRAORDINÁRIO, 2017), essa fala revela inúmeros aspectos pelos quais a clínica sócio-histórica poderia permear na busca de enfrentamento e resolução de seus conflitos com a mãe, pois ela demonstrava na mesma, o quanto se sentiu menosprezada, solitária, incompreendida e invisibilizada.

Fica como rastros subentendidos nessas relações de contexto familiar, que Olívia tem um grande afeto por seu irmão e sua mãe e que gostaria de estabelecer uma outra maneira de se relacionar e ser vista, mas que evidencia em seus processos de introspecção na forma de como lida e dá significado a sua história, dando ênfase apenas em que ela pensa a respeito de como a senhora Pullman possui um bom olho ao mesmo tempo em que projeta rabiscos em uma folha de papel com figuras representativas de Auggie, como se ela não enxergasse nada além dele (SMOLKA, 1992).

[...] se pensarmos que o social - a esfera do contato e da relação com o outro - é o *locus* da produção de significado; que o significado é fundamentalmente social, então o *funcionamento externo, intermental* do indivíduo está inerentemente relacionado ao aspecto *interno* da fala. O lugar do significado é, portanto, o espaço social, que não pode ser localizado dentro ou fora do indivíduo e não pode ser simplesmente configurado como um espaço físico (SMOLKA, 1992, p. 329).

Observa-se então como lugar do significado, de espaço social, em que Olívia transita e como se comporta ao iniciar um novo relacionamento e uma nova atividade “o teatro”, que por meio destes Olívia conseguiu lidar e trabalhar seus conflitos, aumentando sua autoestima e confiança. O que não significa que só isso é capaz de trabalhar questões intrínsecas constituídas nas suas relações históricas em seu desenvolvimento, pois em tal situação seria necessário um acompanhamento psicoterápico para ampliar, evoluir e ressignificar os processos sócio-emocionais e psicológicos da personagem, traçando processos de adaptação e criação de mecanismos de enfrentamento.

Um aspecto fundamental percebido também é o quanto as necessidades do irmão influenciaram profundamente na personalidade e na maneira de se perceber nos ambientes em que atua. Pois quando por motivo Auggie estar se relacionando com outras pessoas por estar frequentando a escola e criando novos laços de amizade, conseqüentemente sua mãe vislumbra de possibilidades aos quais desde o nascimento de seu irmão não os tinha, como por exemplo, voltar a escrever sua monografia, ter tempo para outras atividades pessoais, como, ficar com Olívia, mas ao ter tempo de interação com sua filha, Olívia não compreendeu que sua mãe gostaria estar com ela, falando o seguinte: “[...] Você [mãe] sempre me deixou sozinha, você é boa nisso, então por que estar tão interessada de repente? Será que agora estar entediada? A sua tese não está indo muito bem?!”. Como se a mãe só tivesse interesse nela para satisfazer suas próprias necessidades. Nesse momento observa-se a negação de ser amada pela mãe e a não ressignificação de uma nova estrutura familiar que está acontecendo com as mudanças ocorridas a partir da ida do irmão ao colégio (AGUIAR, 2000). O que segundo Vygotski (1991) e Vigotski, Luria e Leontiev (2010), Olívia apresenta dificuldade em se adequar a uma nova aprendizagem em seu contexto familiar, por conta de aspectos que são marcantes na construção de sua personalidade e do próprio movimento de desadaptação que ocorre no processo de mudança que estão ancorados e caracterizados pela aprendizagem anterior dentro do seu contexto histórico.

Ao se perceber de uma outra maneira, por meio do teatro, valorizada quando seus familiares vão à estreia de seu espetáculo, ela experimenta e utiliza-se do papel ao qual representa para trabalhar alguns conflitos internos. “[...] Ha terra, você é maravilhosa demais

para poderem te entender”, nesta fala à interpretação de um autorreconhecimento tanto dela mesma com suas infinitas possibilidades quanto de sua mãe ao reconhecer seus esforços ao se “desdobrar” em muitos papéis para a condução da família.

Como percebido nessa análise, a fala é extremamente importante para que o sujeito entenda o que passa em si mesmo. Segundo Aguiar (2000) e Braga (2010) o ser humano se constrói ao mesmo momento que constrói a sua história e sociedade, mantendo a relação entre si, construindo seus processos subjetivos. Ao se constituir um sujeito social, ele transforma a sociedade e é transformado por ela. É interessante comentar que a aquisição apresentada nas relações sociais, ao longo da história do indivíduo, determina as funções e faculdades psíquicas do mesmo, acumulando esses conteúdos ao longo do tempo. Essa teoria baseada nos conceitos que constituem a psicologia sócio histórica nos orienta o porquê das ações da Olívia diante de seus conflitos, dentro da dimensão social em que está inserida e possibilita-nos estabelecer uma análise de suas problemáticas e possíveis apontamento de resoluções (AGUIAR, 2000; BRAGA, 2010).

Considerações Finais

Como visto, a cultura socialmente construídas e transmitidas formam implementações das FPS por intermédio da linguagem que possibilita a organização do real e simbólico por meio de mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento. É através dos signos que se consegue o contato social, pois são mediadores entre os processos e a própria ação de cada um, interação essa que possibilita bases na organização dos pensamentos (PINO, 1991). No filme essa relação é percebida da aquisição de conhecimento de Auggie com a mãe e posteriormente por intermédio das relações sociais adquiridas no colégio e os processos afetivos influenciadores na maneira de resolver seus problemas e conflitos que Olívia captou em seu contexto familiar.

Oliveira e Alves (2015) nos informa que a mediação, no caso em contexto clínico o psicólogo é o mediador, deve situar nesse processo a efetivação das FPS e da interação do homem com o mundo/social. Os autores continuam afirmando que o psicólogo pode ter como suas ferramentas de ações a escuta, a observação da realidade do cliente, as experiências do sujeito, a empatia, ser humano com o paciente, conversação, estimular potencialidades do cliente e muito mais. No contexto do filme os relatos na fala de Olívia podem ser ferramentas e elementos importantes para serem trabalhados dentro do processo terapêutico pois existe a

possibilidade de que os questionamentos e reflexões acerca de seu modo de vida, percepção de si, autoestima, relação familiar, modifique o seu modo de viver e perceber suas experiências.

Neste sentido, o lugar que o terapeuta ocupa na clínica sócio-histórica torna-se indispensável para trabalhar as situações de sofrimento, sendo que ele promoverá possibilidades que auxiliarão nas resoluções de conflitos e de sofrimentos. A clínica sócio-histórica também destaca o conceito da afetividade, que segundo Vygotsky, é o que potencializa as relações e possibilita as transformações por meio dos seus significados, sendo um espaço de atuação do terapeuta junto ao paciente e as demandas trazidas por ele (OLIVEIRA; ALVES, 2015).

Por tanto, o que foi trazido por meio das bases teóricas da psicologia clínica sócio-histórica e por observações colhidas pelas escritoras através da análise do filme vistos dentro dessa perspectiva, concluímos que as relações sociais são de fundamental importância no entendimento dos processos psicossociais de cada pessoa. Vendo que o filme trabalha várias dimensões e funcionamentos dinâmicos e sociais a partir de sua conjuntura e processos históricos dentro de suas relações.

A estrutura familiar, psicológica e social, possibilita o mínimo de equilíbrio psíquico conjuntural nos cenários de vida, quando olhamos para o efeito de estarmos conectados socialmente o tempo todo, o sujeito pode não saber lidar com a inexistência de condições e ferramentas emocionais para gerenciar as relações pessoais e/ou se comunicar com pessoas que estão dentro da própria casa. O lugar de pertença de cada membro da família oferece significado de existência enquanto identidade pessoal e social por meio das interações que se constituem ali. O que é de maneira singular e também coletiva (cultural) nesse sentimento da construção de identidades de cada pessoa (CRUZ, 2011). Notamos essa perspectiva na importância que a Olívia estabelecia com a sua avó uma relação de afeto e confiança, se sentindo parte, e como esse vínculo não é tão fácil de acontecer com outros familiares por não se sentir percebida por conta do foco da família se manter nas “necessidades” de seu irmão.

A clínica sócio-histórica possibilita mobilizar e impactar a vida do cliente, com mudanças significativas no jeito de enfrentar e lidar com as adversidades e com gerenciamento de sentimentos comuns diante de uma situação de conflito, angústia entre outras, no processo de escuta e cuidado em todas as suas dimensões de afetações. Possibilitando com que o paciente descreva mais que o sentimento que o ocasionou dor, culpa, angústia, insegurança, medo, baixa autoestima e tristeza por não saber lidar ao certo com suas relações, mas que ele encontre possibilidade e ferramentas de mudança e ressignificação de sua história e dos seus processos.

Por meio de suas referidas histórias, pertencas, espaço (geográfico/ ocupação/ tempo) entre outros diversos elementos que compõem seu núcleo cultural, a clínica pode permitir a pessoa ser quem é, compreendendo suas necessidades humanas de pertença e de significados. Ocorreu de alguma forma no filme sem ajuda profissional, mas com ajuda de outros elementos do contexto de vida de Olívia, como o teatro, o namorado, a relação com a mãe, com seus amigos e com seu irmão, que ela consegue ressignificar parcialmente em seu processo histórico-cultural.

Faz-se necessário apontar ao leitor que esse artigo apresenta limitações quanto às dimensões ao conteúdo mostrado por conta de os dados serem fictícios, e também por não se ter acesso a todos os conteúdos que provavelmente poderiam compor a personalidade de Olívia. Com possibilidades essas e serem interpretadas de uma outra perspectiva conforme as observações realizadas com base em outros pontos de vistas utilizados.

Referências

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira. Reflexões a partir da psicologia sócio-histórica sobre a categoria “consciência”. **Cadernos de Pesquisa**, nº 110, p. 125-142, 2000.

BRAGA, Elizabeth dos Santos. A constituição social do desenvolvimento. Lev Vigotski: principais teses. *In*: Revista Educação - Lev Vigotski. Publicação especial. **Editora Segmento**, Coleção História da Pedagogia, n. 2, p. 20-29, 2010.

CRUZ, Maria Nazaré da. Imaginação, linguagem e elaboração de conhecimento na perspectiva da psicologia histórico-cultural de Vigotski. *In*: SMOLKA, Ana Luiza Bustamante; NOGUEIRA, Ana Lúcia Horta. (org.). **Emoção, memória, imaginação: a constituição do desenvolvimento humano na história e na cultura**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

EXTRAORDINÁRIO. Direção: Stephen Chbosky. Produção David Hoberman e Todd Lieberman. Canadá: Paris Filmes, 2017. Youtube.

LEAL, Maria Rita Mendes. **A Psicoterapia como aprendizagem: um processo dinâmico de transformações**. Lisboa: Fim de Século, 2003

LIMA, Paula Márcia de; CARVALHO, Carolina Freire de Carvalho de. A Psicoterapia Sócio-Histórica. **Psicologia: Ciência e Profissão**, n. 33, p. 154-163, 2013.

LUCCI, Marcos Antonio. A proposta de Vygotsky: a psicologia sócio-histórica. **Revista de currículo y formación del profesorado**, n. 10, v. 2, 2006.

NEVES, Rita de Araujo; DAMIANI, Magda Floriana. Vygotsky e as teorias da aprendizagem. **UNIrevista**, v. 1, n 2, abr., 2006.

OLIVEIRA, Rafael Barbosa da Silva de; ALVES, Alvaro Marcel Palomo. **As possibilidades de uma prática clínica na psicologia sócio-histórica**. Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2015.

PINO, Angel. O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano. **Cadernos CEDES**. n. 24, p. 32-43, 1991.

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis-RJ. Vozes, p. 55-62, 1995.

SIRGADO, Angel Pino. O social e o cultural na obra de Vigotski. **Educação & Sociedade**, nº 71, 2000.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. Internalização: seu significado na dinâmica dialógica. **Educação & Sociedade**, n. 42, agosto, p. 328-335, 1992.

TULESKI, Silvana Calvo. **Vygotski: a construção de uma psicologia marxista**. 2 ed. Maringá, PR. Eduem, p. 207, 2008.

VYGOTSKI, leontiev luria. **A formação social da mente**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 4 ed., 1991.

VIGOTSKII, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alex. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. São Paulo: ícone, 11 ed., 2010



Como citar este artigo (Formato ABNT):

ALVES, Angélica Cabral Oliveira; SANTOS, Jaíne Daise Alves dos; COELHO, Gilson Gomes. Análise Crítica do Filme “O Extraordinário” sob a Luz da Psicologia Sócio-Histórica. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Julho/2021, vol.15, n.56, P.390-403, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 24/06/2021;

Aceito: 07/07/2021.